



● Esta é a 1.ª edição de uma secção mensal dedicada à Temporada de Música 2010, uma iniciativa da Presidência do Governo Regional dos Açores através da Direcção Regional da Cultura, com produção da Juventude Musical Portuguesa. Um dos objectivos desta Temporada é associar-se às Comemorações do Centenário da República. Nesse sentido, serão publicados artigos sobre a vida musical portuguesa de inícios do século XX, pequenas biografias dos principais compositores da época e informações sobre os concertos, os locais e os programas a apresentar. Será ainda transmitido semanalmente o programa de rádio «A Europa da Música». Agradecemos ao Açoriano Oriental esta colaboração, e estamos certos de que irá contribuir para uma maior projecção de toda a Temporada junto do público.

# Panorama da Vida Musical Portuguesa entre 1890 e 1930

MARIA JOSÉ ARTIAGA  
AÇORIANO ORIENTAL

O ano de 1890, marcado pelo Ultimatum inglês, teve profundas repercussões na vida política e social do país, ao provocar nos portugueses um sentimento de receio por se temer a perda da independência nacional. A onda de patriotismo que assolou o país desencadeou uma série de manifestações musicais, nomeadamente na criação de obras de carácter patriótico como hinos, marchas e cantatas, de que nos ficou *A Portuguesa* de Alfredo Keil e Henrique Lopes de Mendonça.

O princípio de que a música deveria ser inspirada pelo carácter do povo e trabalhada pelo talento do compositor, contribuiu para a produção de uma série de composições de índole popular, que almejavam à criação de uma linguagem musical especificamente lusa.

Ao contrário do que se afirmou durante muito tempo, a década de 90 difundiu a música instrumental de câmara quer dos compositores clássicos alemães como dos compositores românticos pela iniciativa das duas principais instituições da época, o Orpheon Portuense e a Real Academia de Amadores de Música, assim como do agrupamento de música de câmara formado por Rey Colaço e Victor Hussla e das apresentações públicas de Oscar da Silva.

No domínio da ópera, novas correntes estéticas fizeram a sua entrada em Portugal, colocando num plano secundário as da década anterior, em particular as dos compositores franceses e italianos mais conhecidos do público. Dessas novas correntes, destacaram-se as óperas dos compositores ditos veristas, como Puccini, Mascagni, Leoncavallo, quer nas óperas representadas no Teatro S. Carlos, quer em concertos vocais e instrumentais. Também a obra de Wagner conheceu uma grande divulgação neste período com a representação de várias das suas ópe-



Postal representando Manuel de Arriaga (1840-1917)  
Presidente da República de 1911 a 1915

ras, incluindo a *Tetralogia*. Outras obras ainda, de cunho marcadamente modernista, fizeram-se ouvir como a *Salomé* de Richard Strauss. Para além deste reportório internacional, foram estreadas, entre 1890 e 1910, as seguintes óperas de autor português: *Frei Luís de Sousa* (1891) de Freitas Gazul, *Irene* (1893) e *Serrana* (1899) de Alfredo Keil, *Mario Wetter* (1898) de Augusto Machado, *Dona Mécia* (1901) de Oscar da Silva, *Amor de Perdição* (1907) de João Arroio e *La Borghesina* (1909), também de Augusto Machado.

Entretanto uma nova geração de compositores, nascida por volta de 1890, influenciada pelas correntes estéticas então prevalentes em França, iria contribuir para a renovação da linguagem musical em Portugal. Entre elas, duas figuras, Luís de Freitas Branco e Rui Coelho, que entretanto se aproximaram do movimento futurista, irão protagonizar a polémica desencadeada na imprensa em 1911 em torno das novas ideias musicais. No período entre 1910 e 1913, o primeiro, influenciado pelas correntes

musicais modernistas, em particular a francesa, compõe obras-chave como os *Paraísos Artificiais* (1910), *Mirages*, para piano, o *Quarteto de Cordas, Três Fragmentos Sinfónicos das "Tentações de S. Frei Gil"*, e *La Glèbe s'amollit*, para voz e piano, todas de 1911; os *Dois Poemas de Mallarmé*, para voz e piano (1913) e *Vathek (Poema Sinfónico em Forma de Variações sobre um Tema Oriental)*, de 1913-14.

Rui Coelho, primeiramente influenciado pelos *Ballets Russes*, estreou, no Teatro S. Carlos, os bailados *A Princesa dos Sapatos de Ferro* e o *Bailado do Encantamento*, ambos em 1918. Depois, enveredaria por tendências de cunho marcadamente nacionalista com obras no campo da música dramática.

Da geração de 90 fez ainda parte Cláudio Carneiro com uma obra marcada por influências neo-clássicas e folclóricas. Também António Fragoso, apesar da sua morte prematura em 1918, deixou uma obra influenciada pela corrente modernista francesa, em particular Debussy e Fauré, nas composições produzidas

entre 1915 e 1918 de que fazem parte a *Petite suite*, *Pensées extatiques*, *Prelúdios*, *Nocturnos*, é a Sonata, as Canções do sol poente (sobre poemas de António Correia de Oliveira) e as melodias sobre poemas de Verlaine, *Fêtes galantes* é a *Poèmes saturniens*.

De influência igualmente francesa são as obras de Francisco de Lacerda, particularmente nas peças para piano *Trente-six histoires pour amuser les enfants d'un artiste* (1902-1922), no ballet *Danse du Voile*, publicado na *Revue Musicale* em 1 de Abril de 1904, e nalgumas das suas canções como na *Berceuse* (1913).

Entretanto, o aumento da frequência de alunos nos cursos de Música do Conservatório Nacional, verificado após a proclamação da República, levou a uma reforma profunda do ensino da música. Fruto desta reforma foi Frederico de Freitas que evidenciou novas incursões pela linguagem musical, nomeadamente na *Sonata para violino e violoncelo* de 1923, onde utilizou, com reconhecida mestria, a politonalidade e a poliritmia.

O período republicano veio pôr termo à supremacia da ópera, com o encerramento dos Teatros de S. Carlos e de S. João, dando, consequentemente, novas oportunidades à música instrumental, sobretudo o género sinfónico, em cujo âmbito serão particularmente importantes as figuras de Raimundo de Macedo, Pedro Blanch e David de Sousa, respectivamente à frente da Sociedade de Concertos Sinfónicos, no Porto, da Orquestra Sinfónica Portuguesa, em Lisboa, e da Orquestra Sinfónica de Lisboa.

A acção deste maestros assim como de prestigiados nomes estrangeiros que vêm a Lisboa, apesar da fragilidade das estruturas que ainda se verificavam, contribuíram para uma prática mais frequente da música sinfónica e, consequentemente, para uma gradual mudança no gosto do público.

Se a Real Academia de Amadores de Música contribuiu para a autonomia financeira das mulheres que nas suas classes adquiriram uma formação musical que lhes possibilitou darem aulas em instituições particulares e públicas, a participação crescente do elemento feminino do espaço privado para o público, ainda por estudar (à excepção de Guilhermina Suggia que já foi alvo de algumas publicações), fez sobressair várias figuras, particularmente no domínio da interpretação e, de forma tímida, no da criação. Neste último, destacou-se a Condessa de Proença-Velha, com o principal objectivo de criar uma escola de *Lied* em Portugal.

Com o golpe militar de 28 de Maio de 1926 e o bloco ideológico que se construiu à volta da figura de Salazar entre 1926 e 1933, assistiu-se à passagem das iniciativas privadas que tinham dinamizado a vida musical portuguesa para uma concentração destas na esfera do Estado e, consequentemente, a uma reorganização de todos os domínios da actividade musical. ♦

# Locais de concerto nos Açores

## ● Igreja de Nossa Senhora da Guia do Convento de São Francisco de Angra do Heroísmo

Erigida no século XVI pelo capitão Afonso Gonçalves de Antona Baldaia e remodelada no século seguinte, foi porém demolida, juntamente com o seu convento, entre 1663 e 1672, para ser reedificada neste último ano, sob a orientação do Padre Mestre Frei Fernando da Conceição Naranjo. Exemplo do estilo arquitectónico português, acusa uma notória austeridade de formas, o que sugere um estilo muito semelhante ao da arquitectura militar italiana. A planta da Igreja é cruciforme e o seu interior é constituído por três naves. O convento que lhe dá serventia conheceu ao longo dos tempos várias funcionalidades, tendo

sido as suas dependências utilizadas, em 1834, para aulas do ensino primário e secundário, em 1913, para instalação do Liceu de Angra do Heroísmo e, actualmente, alberga o museu de Angra. Possui este Templo um órgão de factura portuguesa, da autoria de António Xavier Machado Cerveira, elevando-se sobre o pórtico da entrada o coro. Também considerada panteão, ali jaz João Vaz Corte-Real, navegador português do século XV, ligado ao descobrimento da Terra Nova, e diz-se que também lá se encontram os despojos de Paulo da Gama, irmão de Vasco da Gama, que comandava a nau «São Rafael» na descoberta do caminho marítimo para a Índia, e que a morte surpreendeu ao largo dos Açores quando regressava a Lisboa. Actualmente o seu espaço é usado para a realização de concertos e recitais organizados pela Direcção Regional da Cultura. ♦



Igreja de Nossa Senhora da Guia

# Compositores da Época da República



Luís de Freitas Branco

**Nome:** Luís de Freitas Branco  
**Nascimento:** Lisboa, 12 de Outubro de 1890  
**Morte:** Lisboa, 27 de Novembro de 1955

**Obras principais:** *Cinco Poemas Sinfónicos, Paraísos Artificiais, Wathek, Concerto de Violino, Sonata para Violoncelo e Piano, Quarteto de Cordas, 10 Prelúdios de Piano, Três Poemas de Maurice Maeterlink, O Canto Divinal*, várias melodias sobre poemas de Jean Moréas, Stéphane Mallarmé, Camões, Antero de Quental e Eugénio de Castro.

Inicialmente filiado, em virtude da sua formação, no impressionismo de recorte francês e no ultra-romantismo de cariz alemão, foi, na idade madura, o introdutor do modernismo musical em Portugal e, na sua evolução posterior, o grande cultor do sinfonismo entre nós. Verdadei-

ro renovador da música portuguesa, da sua obra orquestral e de câmara pode dizer-se que reagiu contra o domínio da ópera italiana, profundamente enraizada no País até praticamente 1915, ano em que, depois de ter estudado em Berlim, se fixou em Lisboa. Os princípios estéticos

que pôs em prática na sua música, defendeu-os também por outras vias, nomeadamente através dos seus escritos e no desempenho das funções de professor do Curso Superior de Composição do Conservatório, de cuja reforma, em 1919, foi responsável, juntamente com

José Viana da Mota. Paralelamente às suas actividades de compositor e de pedagogo, importa ainda referir que foi um importante crítico musical e um produtivo musicógrafo, neste último domínio autor de vários títulos hoje completamente esgotados. ♦



Francisco de Lacerda

## Francisco de Lacerda e a Música Francesa

● Dois recitais de canto e piano terão lugar no Auditório Municipal das Lajes do Pico, no dia 22 de Abril, e no Centro Cultural da Graciosa, dia 24, às 21h30

A Temporada de Música 2010 prosseguirá no mês de Abril com dois recitais de canto e piano, com a soprano Isabel Alcobia e

o barítono açoriano José Corvelo, acompanhados por Carla Seixas. Isabel Alcobia tem-se apresentado em vários palcos internacionais e venceu concursos de canto, nomeadamente o Cleveland International Einsteddfod, em Inglaterra, e o Three Arts Scholarship de Cincinnati (Ohio). José Corvelo, natural da Ilha das Flores, tem-se apresentado com as principais orquestras e maestros nacionais e, em ópera, com prestigiados artistas internacionais. Carla Seixas, pia-

nista, aperfeiçoou os seus estudos com Sequeira Costa e Jean Fassina, respectivamente nos EUA e em Paris. Tem-se dado a ouvir em concerto na Europa, na América do Sul, na Índia e no continente Africano.

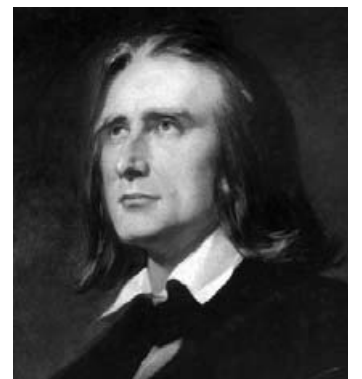
No programa destacam-se as *Trovas* de Francisco de Lacerda (1869-1934) e outras canções de compositores franceses seus contemporâneos, tais como Claude Debussy (1862-1918), Henri Duparc (1848-1933) e Gabriel Fauré (1845-1924). ♦

## SABIA QUE...



**G. Rossini**  
(1792-1868)

Em 1818, o filho do Intendente Pina Manique, Pedro António, encomendou uma farsa a Rossini. A obra chegou sem abertura. Manique protestou, e Rossini respondeu-lhe que o pagamento dos portugueses fora curto para escrever uma abertura. A farsa *Adina*, só foi estreada - e sem abertura - oito anos depois quando reabriu o Teatro de S. Carlos, após o luto pela morte de D. João VI. ♦



**F. Liszt**  
(1811-1886)

Apresentou-se em Lisboa em 1845. O seu piano «Boisselot», que trouxe consigo para os recitais, foi depois por ele oferecido, no fim da *tournee*, a D. Maria II. Esse piano encontra-se actualmente no Museu da Música. ♦